



www.nova-acropole.pt

Fernand Schwarz | José Carlos Fernández
Ana Díaz Sierra | Miguel Artola Molleman
Julian Scott

ATLÂNTIDA

MITO OU REALIDADE?

Edições Nova Acrópole

ÍNDICE

A ATLÂNTIDA E UMA NOVA VISÃO DA ANTROPOLOGIA	9
<i>Arquivo Nova Acrópole</i>	
Para uma nova visão da ciência antropológica	13
O bom senso, base de toda a procura científica	17
Esboço da evolução da humanidade segundo as tradições sagradas	19
A propósito dos Atlantes	25
As fases da história	33
O MITO DO DILÚVIO	39
<i>Fernand Schwarz</i>	
DADOS CIENTÍFICOS E HISTORIOGRÁFICOS SOBRE A QUESTÃO DA ATLÂNTIDA	49
<i>Arquivo Nova Acrópole</i>	
A antiguidade do problema da Atlântida	51
A Atlântida no século XX	65
O MAPA DE PIRI REIS E A ANTIGUIDADE DO HOMEM	67
<i>Ana Díaz Sierra e Miguel Artola Molleman</i>	
O mapa de Piri Reis	69
A antiguidade do homem	85
OS GIGANTES E A VISÃO MÁGICA DO NOSSO PASSADO	105
<i>Julian Scott</i>	
NA DEMANDA DA ESCRITA ATLANTE	117
<i>José Carlos Fernández</i>	

A ATLÂNTIDA
E UMA NOVA VISÃO DA
ANTROPOLOGIA

Arquivo Nova Acrópole

INTRODUÇÃO

Tudo o que estes artigos e notas contêm será exposto como uma possibilidade científica, possibilidade que para alguns é uma certeza, mas que necessita de provas suficientes e lógicas para que essas verdades, que sobreviveram à queda dos mais antigos povos, se convertam numa evidência face ao olhar perscrutador do leitor desapassionado que possui um verdadeiro desejo de conhecimento.

PARA UMA NOVA VISÃO DA CIÊNCIA ANTROPOLÓGICA

Após 200 anos de existência da ciência antropológica, as opiniões acerca da antiguidade do homem, das civilizações e das suas relações com a fauna e flora históricas, mudaram pelo menos umas 200 vezes, havendo ainda hoje tantas teorias aceites como investigadores no mundo.

Por outro lado, aquela maioria que até à primeira metade deste século estava de acordo pelo menos com o facto de o homem descender do macaco ou do proto-macaco pré-histórico, caiu na maior estupefacção face à revelação de que o famoso crânio de Piltdown, aquele que era considerado como sendo o elo perdido, não passava de uma brincadeira de um estudante de princípios do século que tinha reunido fragmentos de crânios humanos com outros de macaco.

«As descobertas efectuadas sobre o assunto, nestes últimos 20 anos, fizeram recuar o aparecimento do homem em 20 milhões de anos!», exclamaram os cientistas reunidos no 6.º colóquio do 9.º Congresso Internacional das Ciências Pré-históricas e Proto-históricas, que teve lugar em Nice no mês de Setembro de 1976.

Inúmeros «dogmas» foram destruídos ou perderam a sua irrepreensibilidade. Impõe-se uma conclusão:

O HOMEM NÃO DESCENDE DO MACACO

Estas duas espécies terão tido a sua origem num tronco comum há 20 ou 30 milhões de anos.

Então, quem são os nossos antepassados?

Este recuo cronológico no aparecimento do homem não deixará lugar à existência de humanidades precedendo a nossa, às quais os Mitos e Lendas que percorrem o globo fazem tantas vezes referência?

As últimas descobertas arqueológicas não fazem senão recuar as cronologias das civilizações. O cobre já era trabalhado na Europa há 9 000 anos, como nos provam as recentes escavações de Cayonu na Anatólia Central, e o ferro era trabalhado há 50 000 anos em grutas sul-americanas. Por outro lado, o arqueólogo americano Jeffrey Goodman descobriu em Flag-satt, no Arizona, um homem pré-colombiano com 100 000 anos, logo quando os peritos se tinham posto de acordo sobre a impossibilidade da presença do homem no continente há mais de 40 000 anos.

Os nossos conhecimentos tradicionais estão ultrapassados. Como integrar estas novas descobertas? É-nos necessária uma nova teoria sobre a história da Civilização.

Paradoxalmente, constata-se que muitas dessas descobertas científicas não fazem senão confirmar crenças existentes nos povos antigos. Essas antigas ciências, classificadas na rubrica do imaginário, suscitam agora um novo interesse; o Yoga, a Astro-

logia e a Parapsicologia têm, nos nossos dias, um lugar inegável, coisa impensável há 20 anos.

Neste novo contexto, é necessário procurarmos ver um pouco mais claramente, com um espírito liberto de preconceitos.

Face à crescente inquietação do público em conhecer «um pouco mais» das nossas longínquas Origens, a *Nova Acrópole* resumiu, de acordo com as «coincidências» encontradas em vários relatos antigos, uma espécie de teoria da evolução das civilizações, tal como nos explicam as grandes tradições. Esta compilação não pretende ser senão uma pequena chave de interpretação dos mitos e símbolos; mas, ao mesmo tempo, tem por finalidade contribuir com uma nova visão sobre os problemas das Origens e da interpretação da História.

O BOM SENSO, BASE DE TODA A PROCURA CIENTÍFICA

O nosso planeta tem uma superfície de muitos milhões de quilómetros quadrados, de que apenas uma pequena parte foi alvo de pesquisas arqueológicas, a maioria delas feitas de um modo muito superficial. Em diversos lugares foram encontrados utensílios primitivos, em sílex, que têm várias dezenas de milhares de anos. Isto permite-nos ter uma ideia da conduta do homem em épocas recuadas.

Actualmente, ainda existem em África, na América do Sul, na Polinésia e no Oriente povos selvagens que continuam a usar esses instrumentos. Se daqui a 50 000 ou 100 000 anos um arqueólogo do futuro encontrasse esses objectos contemporâneos, poderia pensar que nós éramos todos selvagens!

É evidente que isso seria totalmente falso, mas, apesar de todos os nossos progressos tecnológicos, a sua distribuição pelo globo terrestre não é homogénea. As nossas grande cidades vivem na era atómica, enquanto que outros grupos humanos ainda não abandonaram a vida feudal e outros nem sequer foram praticamente tocados pela nossa civilização tecnológica.

Não podemos terminar esta introdução sem assinalar que, à medida que o tempo avança, aumentam as provas de uma

antiguidade cada vez maior do homem, não apenas como espécie, mas também como entidade consciente e civilizada.

Na Tailândia, foram encontradas pinturas de homens lutando contra dragões alados, que são idênticas ao retrato que os nossos sábios fizeram dos pterodáctilos do Jurássico. Não acreditamos em coincidências. Não pensamos que essas pinturas datem daquela época, mas sim que são cópias de recordações mais antigas, reminiscências prováveis das épocas pré-históricas, o que significa que terá havido homens que viveram no Terciário!

Um outro caso mais recente, mas de igual modo contraditório, é o dos tecidos bolivianos da civilização de Tiahuanaco, os quais, submetidos ao Carbono 14, revelaram datar do 1.º milénio antes de J. C. Esses tecidos, representando formas de animais com dois dedos, tinham sido classificados pelos arqueólogos como uma fantasia dos indígenas. Hoje, sabemos que os lamas do Peru e da Bolívia tinham esses dois dedos há 10 000 anos atrás. Podemos deduzir que homens inteligentes os viram e colheram essas formas, legando os seus cânones e a sua sabedoria arcaica aos seus herdeiros históricos, conhecidos pelos nossos pesquisadores.

Quem está, afinal de contas, à altura de saber até que ponto o histórico e o mitológico se entrelaçaram no tempo?

ESBOÇO DA EVOLUÇÃO DA HUMANIDADE
SEGUNDO AS TRADIÇÕES SAGRADAS

Todas as antigas culturas, incluindo o cristianismo, contêm nos seus textos ideias acerca de uma progressão espiritual do homem, que passa por altos e baixos do ponto de vista científico e tecnológico.

O objectivo fundamental não era a tecnologia mas a aquisição de uma consciência individual, de uma inteligência espiritual, a fim de libertar o homem das servidões terrestres.

Não poderemos ficar surpreendidos com as referências fornecidas por todos os povos antigos quando falam das grandes civilizações que os precederam. Poucas referências nos restam dessas civilizações, mas a sua influência não deixa de ser apreciável no contexto dos povos herdeiros.

Então, se esses factos se passam hoje, o que é que impediria esses mesmos factos de se terem produzido no passado?

O leitor poderá interrogar-se e perguntar:

Mas por que é que nunca foram encontrados navios, máquinas, etc... que pudessem testemunhar a existência de civilizações desenvolvidas no passado?

E nós responderemos:

Qual é o objecto que, na vossa opinião, se conservará me-

lhor através de milhares de séculos? Uma faca de sílex, abandonada em plena selva amazónica, ou as nossas grandes cidades e o seu conteúdo, constantemente ameaçados por guerras ou terramotos? Além disso, é preciso acrescentar a possibilidade da queda de um continente do qual só não ficariam submersas as altas montanhas. Nesse caso, apenas ficariam, para nos contarem o sucedido, os «poucos eleitos» que se teriam salvo e os pastores rústicos que povoavam essas montanhas.

Tais pessoas poderiam recomeçar o impulsionamento civilizador, «lavado» de todas as decadências morais e ódios cegos que caracterizam as grandes concentrações humanas.

Se essas catástrofes se repetissem parcial ou globalmente em zonas do globo altamente civilizadas e povoadas? Que o leitor reflecta sobre quais as partes do globo mais afectadas no caso de uma guerra atómica; seriam evidentemente os centros industriais e de ponta que desapareceriam. Não se produziriam então períodos alternados de civilizações com regressos ao estado selvagem, dando assim uma cadência em espiral à História?

Através de todas estas questões, ressaltam duas teorias:

- A – sobre a *coexistência* da civilização e da barbárie;
- B – sobre a *alternância* de séries de «ciclos curtos», como que repetições de um grande ciclo, dentro do qual seriam como elos no interior de um grande anel.

Estas duas teorias não se excluem: *complementam-se* maravilhosamente e permitem explicar vários enigmas arqueológicos actualmente irreduzíveis.

Todos os textos falam da existência de várias humanidades, cronologicamente falando, que teriam desenvolvido em tempos idos qualidades e elementos que hoje em dia estão sintetizados no homem actual; do mesmo modo, hoje desenvolvemos qualidades que mais tarde serão condensadas num outro Homem.

Bons e maus Gigantes, povos reduzidos ao canibalismo, milhares de Noés são citados e a prova de David contra Goliath é repetida inúmeras vezes.

Dado que este escrito não passa de um simples resumo, tendo como finalidade fornecer o essencial, contentar-nos-emos em citar algumas obras conhecidas, tais como o *Popol Vuh* mexicano, o *Kalevala* finlandês, o *Vishnupurana* indiano e o *Livro de Dzryan* tibetano, entre outros, que nos ajudaram graças aos seus textos, nomeadamente nos seus capítulos sobre as humanidades precedentes e os assuntos em causa.

Resumindo: elaborámos esta compilação com base em versões de três tradições diferentes, pelo menos. Isto permitiu-nos fazer um resumo simples sobre a evolução do homem, de acordo com os antigos textos sagrados.

Após uma série infrutífera de experiências criadoras, realizadas pelos Deuses da natureza ou *Princípios de Vida*, surgiram os primeiros seres que se assemelhavam aos homens actuais propriamente ditos, descritos nas tradições como grandes gigantes, habitando um continente tropical, o que corresponde amplamente à hipótese de que o homem terá vivido na época terciária.

Esses gigantes são chamados *Ciclopes* pelos Gregos; a Bíblia menciona-os como sendo os reis de Édoma e o *Popol Vuh*

chama-lhes *Balames*. Tratava-se de seres intuitivos, representados muitas vezes com um único olho. Seriam quase como o «bom selvagem» de Rosseau, bastante ingénuos, pouco mentais, mas muito religiosos. Estavam em contacto permanente com o mundo natural ou animal; não conheciam os metais em estado puro, mas utilizavam-nos no seu estado bruto misturados com a pedra; não empregavam o fogo para forjar, mas possuíam uma grande força e poderes telepáticos e paranormais. Eles foram os «bons gigantes» das lendas, os construtores dos menhires, das pedras erguidas, dos dólmens. Atribuiu-se-lhes geralmente a edificação de todas as grandes pedras móveis, em equilíbrio, que empregavam para fazer ritos de adivinhação. Efectuavam também cálculos astronómicos, que serviam para potencializar os efeitos deste culto animista.

A evolução intelectual destes gigantes fê-los perder lentamente as suas intuições «primeiras». Vários comentários antigos falam-nos desta perda de «sabedoria», aliada à perda desse olho de conhecimento, que os levou a cair na matéria.

As suas próprias evoluções eram, evidentemente, acompanhadas por modificações climatéricas e atmosféricas «que os tinham obrigado a adaptar-se» no tempo. Diminuíram de estatura e as novas gerações nasceram, transformando-se esta raça primitiva numa nova raça, «A Humanidade», a qual possuía outras qualificações intelectuais. Esta nova raça desenvolveu pela primeira vez uma «tecnologia» terrestre, por assim dizer.

Orgulhosos das suas proezas, esses novos habitantes do globo terão colonizado e escravizado os outros povos mais arcaicos e fundado a civilização Atlante, precursora da nossa civilização actual.

Os textos sublinham a importância do passo dado nessa etapa, visto que o princípio superior do homem ou a ele inerente estará concluído pela primeira vez, deixando de ser uma essência e passando a ser uma presença.

A queda do homem na matéria é total e a civilização atlante, muito sábia nos seus primórdios, será subjugada a pouco e pouco pelo orgulho e pela divisão dos seus clãs, provocando catástrofes e um estado de caos que conduzirá ao famoso dilúvio universal, que não pôde ser evitado apesar dos conhecimentos que eles possuíam.

Certos sacerdotes, advertidos antes da catástrofe, evacuaram, por vagas sucessivas, uma parte da população «escolhida» do continente (ver mito do povo eleito), estabelecendo colônias periféricas que, no momento da desintegração da humanidade atlante, guardaram o conhecimento e as técnicas – à semelhança dos mosteiros da Idade Média – aguardando um ciclo histórico oportuno para a criação e o desenvolvimento de uma nova civilização. Isto poderá fornecer-nos uma explicação para o aparecimento na Terra de civilizações que nascem «já velhas» e que abrem a porta aos grandes enigmas: o Egípto,...

Seguindo esta teoria, a Pré-História não será senão a mais longa e a mais devastadora das Idades Médias que o homem terá conhecido.

A passagem da Pré-História até à História dos nossos dias desenrolou-se lentamente e o sucesso final deve-se à perseverança e à transmissão, ao longo de gerações, por aqueles que tiveram fé na humanidade.

Esta fé foi inspirada pela mística e pela inexaurível necessidade do homem sobreviver à morte.

A PROPÓSITO DOS ATLANTES

De acordo com os ensinamentos, muito especialmente os do *Vishnupurana* e do *Livro de Dzyan*, esta civilização teria chegado a dominar uma energia equivalente àquela que hoje se denomina bomba atômica e a que os Atlantes chamavam *Marmash*. Esta espécie de energia permitia dominar o mundo das formas à vontade.

O seu controle estava nas mãos de certos iniciados. Com o tempo, esses iniciados, sem perderem o conhecimento, terão perdido a moral, convertendo o *Marmash* numa arma de guerra.

Há outros relatos que nos falam de certas naves, uma espécie de globos ou Zepellins, muito lentos, que só se podiam afastar do solo algumas centenas de metros, mas que possuíam uma grande capacidade de carga; parece que esses veículos eram muito raros e serviam para transportar objectos preciosos, bem como armas e tropas, já na época decadente. Também se fala de barcos propulsionados por esta energia e teriam sido esses barcos que, antes da catástrofe, conduziram os segredos atlantes para um lugar seguro. Tais versões correspondem às tradições dos povos do mar.

Eles possuíam igualmente veículos sem rodas, como os que foram encontrados no Egipto e nas áreas pré-colombianas. Eram uma espécie de trenós muito sólidos que deslizavam a grande velocidade, deixando para trás uma grande nuvem de ar.

Também o calor solar era convenientemente canalizado. Eles utilizavam estufas para cultivo de plantas delicadas e conservavam o calor, servindo-se dele para aquecer campos e jardins.

Fizeram diques e barragens, tal como nos descreve Platão, e a força hidráulica não lhes era desconhecida, embora utilizada em pequena escala. Aparentemente também conheceram a electricidade sob a forma estática, mas o seu uso causava-lhes muitos aborrecimentos. As últimas reconstituições de utensílios antigos, entre eles o Tabernáculo de Chavín, Peru (ver os trabalhos do engenheiro Alvarez Lopez), provaram que muitos destes objectos rituais eram acumuladores de energia que matavam aqueles que ousavam tocá-los. Os Chineses e os Etruscos utilizaram os pára-raios e várias lendas relatam como guiar os raios (ver a história de Numa Pompílio). Para terminar, foram encontradas em Bagdad baterias eléctricas – das quais uma está em exposição no Museu de Berlim e data do 2.º milénio antes de J.C. – que serviam para fazer amálgamas nas jóias. Tudo isto para explicar que já existia um certo conhecimento dos poderes eléctricos e magnéticos desde a mais alta antiguidade.

Retomemos a lenda:

Os Atlantes desenvolveram grandes poderes parapsicológicos e eram capazes de diminuir ou aumentar o peso das

coisas, servindo-se dos seus poderes para realizar as suas construções arquitectónicas.

Noutros relatos, encontram-se, várias vezes, alegorias sobre um conhecimento das mutações dos sexos e das mutações de animais ou de vegetais. Constitui ainda um enigma para os investigadores a mutação da espiga de trigo e de milho selvagem na espiga utilizada para o nosso consumo (os Maias diziam-se os inventores do milho).

Os Atlantes tentaram ainda alterar o clima e mudar o eixo da Terra, a fim de evitarem os perigos das mudanças de temperatura e da composição atmosférica, que os ciclos dos tempos iriam infligir-lhes inexoravelmente.

Cegos pelo orgulho do seu avanço científico e menosprezando os poderes da natureza, os últimos Atlantes acabaram por romper as barreiras morais, julgando-as supérfluas relativamente ao seu estado evolutivo.

É no que diz respeito a esta época que todas as tradições coincidem, explicando que os mestres de sabedoria se dividiram em duas grandes lojas:

- a da direita
- e a da esquerda.

Uns foram chamados *brancos*, os outros *negros*.

Em todas as tradições antigas, o movimento para a direita, simbolizado por uma suástica, representa a criação, a construção e a conservação pacífica. O movimento para a esquerda, também simbolizado pela suástica, representa a renovação pela destruição ou escravidão.

Foram os magos negros que, pelos seus poderes de esca-

vidão sobre as massas, governaram as derradeiras épocas da Atlântida, conduzindo-a para a catástrofe.

A perda do poder «político» dos magos brancos forçou-os a retirarem-se para lugares remotos (montanhas, grutas...), a fim de continuarem as suas pesquisas pacíficas sem serem alvo de perseguições. Eles conheciam os destinos que se iam abater sobre a Atlântida e reuniram discípulos para os acompanharem nos outros continentes.

Os astrólogos atlantes também conheciam o perigo, mas os povos, fanatizados, pensavam que poderiam livrar-se sempre dele e lutavam incessantemente uns contra os outros, oferecendo sacrifícios de sangue às potências tenebrosas e confiando na magia e na ciência para anularem as forças da natureza.

Deu-se o cataclismo e o continente atlante, cortado em vários pedaços, desagregou-se então até à Ilha de Poseidon, da qual nos fala Platão.

Os centros humanos mais povoados e mais avançados da época viram o fim dos seus dias. A pirâmide de Xochicalco, próxima da Cidade do México, conta-nos como é que 54 milhões de pessoas morreram bruscamente há cerca de 12 000 anos. A Bíblia é menos eloquente, sobre este assunto, do ponto de vista de números.

Aproximando-nos agora da história conhecida. A lenda torna-se uma civilização, dizendo que, lentamente, a estabilidade geológica reapareceu no planeta, que os sobreviventes desse povo se tornaram nómadas e navegadores, e que, ao longo dos inúmeros combates, se foi fazendo a selecção da espécie, a qual terá conservado apenas os mais inteligentes e os mais puros.



Por menor da Pirâmide de Xochicalco, próxima da Cidade do México. Nela relata-se como é que 54 milhões de pessoas morreram bruscamente há cerca de 12 000 anos.

Forjou-se uma nova humanidade que percorreu o mundo. Todas as tradições nos falam do povo filho do Sol, chamado em egípcio *Ra-Ios* e em sânscrito *Ário*. Esse povo fixou-se no Norte da Índia, na Ásia Central e Menor.

Durante esse tempo, o mecanismo geológico da terra foi nivelado e agora ainda beneficiamos do mesmo microclima.

Infelizmente, os homens actuais quebraram de novo o equilíbrio, provocando as forças da natureza que apenas conhecem parcialmente. E, se uma nova guerra atómica de envergadura chegasse a acontecer, poderíamos dizer que esta catástrofe, que para alguns não passa de uma lenda, poderia tornar-se realidade e a humanidade seria obrigada a passar por um outro período das cavernas.

Os antigos filósofos hindus comparavam a civilização com um arco sustentado por dois pilares, dos quais um representava o progresso moral e o outro o progresso material. Se essas duas colunas se desenvolviam ao mesmo ritmo, o arco mantinha-se mais ou menos seguro ou em completa segurança; mas se uma das duas se afastava demasiado do topo da outra, a massa suspensa não tardava a deslizar e a destruir-se.

A actual linha de progresso é apenas técnica, porque mesmo os mais altos progressos sociais obedecem antes às motivações de estabilidade colectiva do que a um amor desinteressado e natural.

A máquina conquistou o próprio coração do homem!

Assim se desenrolam as coisas no Ocidente, enquanto o Oriente milenar também se desintegra, mas por razões contrárias: uma mística demasiado cega faz esquecer as necessi-

dades do avanço material, o qual, se for controlado e sabiamente planificado, é igualmente necessário.

Caro leitor, estas últimas linhas são para lhe recordar o início deste livro no que respeita ao passado. Muito daquilo que foi exposto deverá ser tomado como hipótese de trabalho.

O nosso objectivo é apenas fornecer uma chave sintética, um apanhado dos trabalhos efectuados na Nova Acrópole sobre o problema do homem e da civilização.

Mas no que diz respeito ao futuro, os dados de que dispomos no presente deverão fazer-nos reflectir sobre a necessidade de, perante as realidades actuais, se recriar (não para além do nosso planeta, mas nos nossos continentes) novas colónias humanas descontaminadas da psicologia materialista que nos rodeia, a fim de podermos refazer uma nova civilização humana, face aos perigos de uma catástrofe eminente, à semelhança da Atlântida.